DO PAPAGAIO À ARARA

Como Hollywood via o Brasil nos tempos do Zé Carioca e como vê hoje – em que "Rio", animação de **Carlos Saldanha**, faz sucesso nos cinemas

POR PAULO ROBERTO PIRES

POLITICAMENTE CORRETO
Cena de *Rio*. A partir do romance entre araras-azuis, o filme denuncia o tráfico de animais

A utilização deste

Em mais de 60 anos, o carioca, esse cordial e malemolente brasileiro, foi de papagaio a arara. Vistos de Hollywood, os que habitam a Mui Heróica e Leal Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro continuam aviver à moda dos psitacídeos - família que, como sambistas e mulatas, integra o ramo do exotismo tropical. *Rio,* animação de Carlos Saldanha, dá nuances à mão pesada de *Alô, Amigos* (1942) e *Você Já Foi à Bahia* (1945), peças de propaganda da Política da Boa Vizinhança - que alinhou o Brasil aos Estados Unidos na época da Segunda Guerra Mundial. Mas pouco faz para pôr fim à síndrome de Zé Carioca, personagem da Disney que, ao estrelar os dois filmes, formatou o imaginário sobre o Brasil.

Saldanha ganhou projeção internacional com A *Era do Gelo* (2002). Cacifou-se num mercado ferocíssimo e levou a ele um artigo altamente vendável: o país onde nasceu. O *hype* do Brasil, da música às sandálias de dedo, é hoje poderoso e tem no Rio sua melhor vitrine. Uma vitrine que continua tendo sua expressão na equação natureza, música e festa - com eventuais pitadas de luxo e cafonice. Um ambiente ideal para um óbvio e simpático romance entre Blu e Jade: ele, uma arara-azul urbanoide nascida no Rio que não sabe voar e vive nos EUA; ela, o último exemplar fêmea da espécie, confinada no zoológico carioca. O par romântico tem um duplo em Linda, dona de Blu, e Túlio, um ornitólogo que quer promover o acasalamento dos bichinhos.

O "HYPE" DO BRASIL, DA MÚSICA ÀS SANDÁLIAS DE DEDO, É HOJE PODEROSO E TEM NO RIO SUA MELHOR VITRINE

Blu desembarca no Rio em pleno Carnaval - mesma época em que a equipe de Disney visita a cidade nas imagens documentais, que, em *Alô, Amigos,* misturam-se à animação. Por vários motivos são incomparáveis a animação fantasiosa da Disney com os recursos realistas de *Rio,* rodado no fetichismo renovado do 3D. Mas há em ambos uma idealização da paisagem que se trai menos nas panorâmicas aéreas da cidade do que em detalhes curiosos. Em *Alô, Amigos,* o Pato Donald e o Zé Carioca caminham por um calçadão de pedras portuguesas até encontrarem um bar com jeitão de café francês onde é servida cachaça. Em Rio, Linda e Túlio tentam um jantar num bairro inspirado na Lapa, com calçadas típicas de Copacabana, num café francês onde tomam vinho. E aqui é necessário um parêntese: longe do politicamente correto, Zé Carioca fuma charuto o tempo todo e Donald, doidão de tanta pinga, cai no samba.

A correção política orienta o realismo de *Rio.* Os vilões são traficantes de aves que têm o visual de traficantes de drogas. A quadrilha explora um órfão que, adivinhem, será um dos heróis da trama. Ele leva o filme às ruelas de uma favela de onde se avista o Sambódromo. Pois o espetáculo das escolas de samba não poderia deixar de dizer presente e é cenário de uma perseguição envolvendo duas araras, um tucano, um buldogue e uma norte-americana de biquíni transformada em destaque de um carro alegórico. Parece confuso. E é, como, de resto, as reviravoltas num roteiro simplificador.

MISTUREBA DE INFLUÊNCIAS

Os cuidados culturalistas da direção escorregam no bando de macaquinhos que auxiliam o vilão do filme, a cacatua Nigel. Os simpáticos símios

POLITICAMENTE INCORRETO Cena de *Alô, Amigos.* **Zé Carioca fuma charuto e o Pato Donald fica doidão de pinga**

comportam-se como atores de um clipe gangsta rap e, enquanto alguns, mais habilidosos, distraem turistas com passos de street dance mais adequados a Nova York, outros fazem a limpa, batendo carteiras, todos embasbacados com a vida selvagem. É divertido, mas um pouco grosseiro ao associar determinada cultura ao roubo e à malandragem.

Na luta contra os clichês, a música sai-se melhor do que a paisagem. Disney teve Aloysio Oliveira como produtor e Ary Barroso como compositor. Carlos Saldanha tem Sérgio Mendes acumulando as funções. E o som produzido para o filme é puro Sérgio Mendes - o que quer dizer coisa boa e não tão boa, às vezes em uma mesma canção. A escalação de Will.I.Am, Carlinhos Brown, Bebei Gilberto e outros menos votados faz da trilha uma geleia em cuja receita entram samba-enredo, bossa nova, samba-rock, rap, dance. Uma sonoridade, aí sim, bem fiel à saudável mistureba de influências que torna impossível uma única identidade para a música deste lado do Equador.

ASSISTA
a trechos dos filmes citados em
www.bravonline.com.br

Mais do que bom amigo dos EUA, o Brasil hoje é um bom parceiro. *Rio* parece parte de uma política deboa vizinhança- e é essapeculiaridade, fora da tela, que o salva da banalidade na comparação com animações poderosas. O que segue inalterado em todos esses anos é a identificação do país com uma reserva de exotismo. Se a baixa autoestima faz com que o brasileiro viva o que Nelson Rodrigues definia como um eterno complexo de vira-lata, seu lado esfuziante quase sempre o reaproxima, principalmente quando visto de longe, ao gingado do Zé Carioca.

PAULO ROBERTO PIRES é *jornalista e escritor, autor do romance Do* Amor Ausente

O FILME

Rio, de Carlos Saldanha. Em cartaz

Anúncio

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais

Fonte: Bravo!, São Paulo, ano 13, n. 165, p. 74-77, maio 2011.